

SPALDING, Henry D. *Enciclopédia do humor judaico: dos tempos bíblicos à era moderna*. Trad. Dagoberto Mensch. São Paulo: Editora Sêfer, 1997.

Do saber inconformado, ou um catálogo contra a melancolia

Marcos Fábio de Faria*

Um livro que pretende, desde o título, reter todo conhecimento do universo, como é a enciclopédia, aproxima-se, não sem ironia, de uma possível obsessão calcada no uso de meios classificatórios que, no entanto, orienta-se a partir de uma ordem rigorosamente caótica. As enciclopédias foram criadas como meios de catalogação de informações abrangendo todas as áreas de conhecimento e seu maior objetivo, quando criada, era ser um guia unânime de todo saber existente. Ter a posse de tal saber implicaria, evidentemente, ter ou ostentar poder sobre coisas, pessoas, conhecimento, já que esse privilégio fomentaria, também, o maior bem, a erudição. O que pensar, contemporaneamente, sobre uma *Enciclopédia do humor judaico: dos tempos bíblicos à era moderna*? Quais são os motivos de tantos séculos de humor?

O judeu nova-iorquino e filho de imigrantes, Henry D. Spalding, lançou, em 1969, nos Estados Unidos essa enciclopédia que abrangia os principais motivos de risadas do povo judeu no período entre Gêneses, ou seja, a Bíblia, e a modernidade. O Brasil só viria conhecer esse inventário em 1997, quando a Editora Sefer apostou na publicação do que seria uma espécie de “guia do humor judaico em suas fontes”. A edição conta com tradução de Dagoberto Mensch, ilustrações de Ivo Minkovicius e um glossário, ou coletâneas de glosas, de yidishismos elaborado por Dorothy H. Rockmis.

Mas, voltemos ao início: que humor é esse que precisa ser inventariado? Quando se está tratando de judeus não é possível esquecer sua ligação com a letra, com as escrituras. Os judeus, como se sabe, usam o texto como um dos principais meios para manter sua tradição viva. Como todas as espécies de escritas são válidas, das circuncisões aos tratados de paz, então porque não manter memória e tradição pelo riso, pelas piadas? Ressalte-se que o humor judaico é considerado o mais antigo já registrado pelo homem, como afirma Spalding. Esse humor se manifestaria desde as escrituras sagradas, como na passagem do livro de I Samuel 21:16, quando Akish volta-se para os céus e diz para Deus o seguinte a respeito de David, que se fingia de insano: “Será que tenho falta de loucos, para me trazerdes mais esse, para fazer loucuras perto de mim?”.

A *Enciclopédia do humor judaico: dos tempos bíblicos à era moderna* é composta de um prefácio e uma variedade de piadas, que são agrupadas por temas e épocas em trinta e nove capítulos. Essa coleção propõe um apanhado, mesmo que simplificado, como afirma o autor, das idéias, situações, objetos que são conhecidos por todos os judeus do mundo, por serem indissociáveis de uma tradição que permanece viva. Também mostram a capacidade que a cultura judaica tem de rir de si mesma, respeitando sempre o lugar do outro e as suas diferenças. A desconstrução de um rótulo histórico marcado por desgraças costumeiras é, assim, levada às últimas conseqüências.

Se a enciclopédia é uma seleção organizada de conceitos do mundo, ou seja, trata-se de uma pretensão de selecionar, coletar, classificar e ordenar, de forma sucinta, um conhecimento, a coleção elaborada por Spalding se difere desta por não se prender a uma classificação generalizada, tampouco obsessiva, apesar do que sugere o subtítulo da publicação, muito mais irônico do que pretensioso. Nela, são criadas ligações, as menos conceituais possíveis, entre as piadas inseridas em seu inventário, que são condizentes com o tipo de humor pretendido em cada capítulo, uma vez não existe, historicamente, uma linearidade no humor, seja ele judaico ou não. Spalding, exímio colecionador, exerce o poder, já que toda classificação parte de um princípio de rigor. Como o poder é um conceito que se refere ao exercício de certo efeito sobre algo ou alguém, o responsável pela coleção detém o privilégio de

atribuir uma determinada ordem a um conjunto de séries de objetos, bem como possui, o compilador, a capacidade de alterar ordens já estabelecidas.

No capítulo 3, por exemplo, “Shnorers ou, dar aos outro é abençoado, mas receber é simplesmente divino”, são apresentadas situações insólitas em que Spalding faz troça do que se cristalizou como o mais daninho estereótipo, o do judeu mesquinho. São brincadeiras com a falta de conhecimento sobre a cultura, uma vez que no judaísmo ajudar é um dever e pedir não é vergonha. Nesse capítulo, são questionados os problemas de um *shnorer*, um pedinte, para a sociedade. Outras piadas acerca de como os judeus lidam com as finanças podem ser vistas nos capítulos “Altas finanças” e “Baixas finanças ou, Deus, que pecado terrível eu cometi, que estou passando por uma fase tão ruim?”.

“Um punhado de judeus estava conversando. – O que mais me agradaria – dizia um – é que Hitler virasse um lustre com velas. – Por quê? – Deste modo, eu o veria pendurado por um fio durante o dia, queimando à noite e sendo extinto de manhã”. O capítulo “Anti-semitas ou, bons cristãos não devem odiar os judeus além do absolutamente necessário”, apresenta-se como uma parte importante para se entender o humor judaico, esse humor que está sempre a lidar com os limites da cultura, que espelha a história de um povo marcado por júbilos e agonias. Mostra, ainda, a diferença entre o humor e o anti-semitismo, uma vez que este último apresenta, de forma gozosa, a degradação dos judeus.

O jogo com os estigmas da própria tradição e o sofrimento, além de uma auto-ironia – desde as eras bíblicas, passando pela diáspora, os *shtetl* e até mesmo a Shoah – elevam o humor judaico a um patamar muito requintado. No capítulo “Malandros e avarentos ou, como ser egoísta na prática sem sacrificar seus princípios”, ou em “Esses judeus errantes” e, também, em “Pais judeus. Yidishe mames; Yidishe papas” refletem esse continuo debruçar-se, ironicamente, sobre as próprias mazela como na piada seguinte, uma conversa entre um pai e um filho judeu: “– Mas papai, eu não quero ir para os Estados Unidos. – Cala a boca e continua nadando!”.

Às crenças religiosas judaicas são reservados os capítulos “Ateístas, agnósticos e convertidos ou, como vestir sapatos para trás e caminhar em direção a você mesmo”, “Milagres ou, se Deus não poder ajudar com dinheiro, Ele ou menos dará um grunido simpáticos” e “Religião ou, no princípio foi a palavra. E a palavra foi ‘*guevald!*’”. As piadas rebatem dogmas religiosos, comparam o judaísmo com outras culturas religiosas e, principalmente, reiteram que o judeu sempre ri de si mesmo e de outros judeus, de seus costumes e da própria tradição. É o caso da piada em que um homem vai conversar com o rabino: “Um apóstata de uma vida inteira de repente ‘viu a luz’ e se aproximou do local. – Rabi, de agora em diante eu freqüentarei regularmente os serviços da sinagoga – prometeu. – Estou contente em ouvir isso – sorriu o velho e sábio rabino – mas lembre-se de que ir à sinagoga não torna você mais judeu, assim como visitar uma criação de aves domésticas não o torna uma galinha!”.

O humor, na maioria das vezes, principalmente quando se trata de piadas, é cultural, e a ironia só é possível quando recebida como tal, caso contrário, se esvai na sua própria armadilha. Para um povo que, perseguido, passou por inúmeros abusos, ironizar com sua costumeira condição já faz parte, há muito, de sua tradição. O catálogo do humor, portanto, afirma-se como uma arma, ao dosar em medidas certas os vários tipos de humores presentes na tradição judaica, salienta, que a melhor cura para a melancolia e o sofrimento é o riso.

* **Marcos Fábio de Faria** é Graduando em Letras, pesquisador do NEJ e bolsista de Iniciação Científica do CNPq.